



OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS

Breno Augusto Souto-Maior Fontes¹

Resumo

Pretendo, nestas páginas, colocar algumas informações sobre o complexo conceito de território a partir de um ponto de vista sociológico. Construindo uma “geografia social” podemos acrescentar importantes questões que com certeza contribuirão para o rico debate que orienta a disciplina acadêmica da geografia humana. Postulamos como questão central o fato de que o fenômeno território remete a um campo interdisciplinar onde o olhar do sociólogo é indispensável. Autores clássicos desta disciplina – como Simmel, Elias, Marx colocaram importantes ingredientes para a compreensão deste fenômeno. Utilizando-me destas análises e ainda acrescentando outras mais recentes, como é o caso da discussão sobre redes sociais, acredito que possa contribuir com mais informações a alimentar o debate sobre tema.

Palavras-Chave: Espaços de Sociabilidade; Territórios; Interdisciplinaridade; Redes Sociais.

THE SPACES OF SOCIABILITY IN THE CONSTRUCTION OF TERRITORIES

Recebimento: 7/4/2018 • Aceite: 15/6/2018

¹ Doutor em Estudos das sociedades Latino-Americanas (Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França). Pesquisador do CNPq. Professor Titular do Departamento de sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail:

Abstract

I intend, in some pages, to obtain information on the territory model from a sociological point of view. Building a "social geography" can be used to ground the debate that guides the academic of human geography. They postulate the central question of the fact that the phenomenon reflects an interdisciplinary field where the sociologist's gaze is indispensable. Classical authors of this discipline – as Simmel, Elias, Marx put important ingredients to the understanding of this phenomenon. Using the latest and greatest researches, such as the discussion on social networks, I believe that you can contribute more information to feed the debate on the subject.

Keywords: Sociability Spaces; Territories; Interdisciplinarity; Social networks.

Introdução

Pretendo, nestas páginas, colocar algumas informações sobre o complexo conceito de território a partir de um ponto de vista sociológico. Construindo uma “geografia social” podemos acrescentar importantes questões que com certeza contribuirão para o rico debate que orienta a disciplina acadêmica da geografia humana. Postulamos como questão central o fato de que o fenômeno território remete a um campo interdisciplinar onde o olhar do sociólogo é indispensável. Autores clássico desta disciplina apontaram importantes ingredientes para a compreensão deste fenômeno. Utilizando-me destas análises e ainda acrescentando outras mais recentes, como é o caso da discussão sobre redes sociais, acredito que possa contribuir com mais informações a alimentar o debate sobre tema. O texto está estruturado em alguns eixos de argumentação:

1. O conceito de sociabilidade
2. Sociabilidade e espaço/território: é possível pensar em um campo classificatório de experiências que indiquem a diversidade de espaços com suas sociabilidades particulares?
3. Sociabilidades, territórios e construção de identidades: alguns exemplos.
4. Os espaços de sociabilidade mediados pela internet. Qual território?

A expressão “sociabilidades” remete a práticas interativas que acontecem entre indivíduos, na reprodução do cotidiano. São trocas simbólicas, expressadas a partir de um campo linguístico, ou corporal. Falas, expressões faciais, gestos, olhares, toda uma série de possibilidades que permitem que os indivíduos interajam entre si. Esse conceito se inscreve em diversos campos da tradição sociológica, mas aqui estamos nos referindo especificamente a Simmel:

Desta complexa interação entre indivíduo e sociedade; entre manifestações particulares e múltiplas de comportamentos sociais (conteúdo das relações sociais), e suas estruturas relativamente mais estáveis e consequentemente passíveis de generalização (forma), resulta o conceito simmeliano de sociabilidade (*vergesellschaftung*). (FONTES, 2013).

Não importam aqui as expressões singulares das interações (que talvez Simmel extraísse delas o substrato para a construção de seu conceito, do conteúdo das relações sociais, e não da forma, o conceito abstrato e mais universal, o de sociabilidade), mas os processos interativos mais amplos, envolvendo padrões relativamente estáveis – mesmo se considerarmos a relativa multiplicidade dos interesses e orientações de ação dos atores – inscritos em campos institucionais, que moldam ou estabelecem possibilidades para as ações sociais mais concretas. Dito de outra forma, a ideia de sociabilidade expressa os padrões universais existentes nos processos interativos da vida cotidiana. Aqui cabem algumas observações importantes:

Estes processos interativos se fazem a partir de campos institucionais bem demarcados; uma definição tradicional de instituição assinala bem estas características: “são maneiras de fazer, de sentir e de pensar ‘cristalizadas’, quase constantes, socialmente coercitivas e distintivas de um grupo social dado (BOUDON; BOURRICAUD, 1993, p. 301). A semelhança com o fato social de Durkheim não é ocasional: a instituição é um fato social, e os processos interativos subjacentes a ela são o pôr em prática a atividade cotidiana, com forte regulação normativa. O fato da existência das instituições significa simplesmente que as orientações normativas e os hábitos inscritos nas práticas cotidianas não são uniformes para toda a sociedade, especialmente quando nos referimos a sociedades complexas. As instituições refletem esta diversidade da vida social, com campos societários e orientações normativas particulares (é certo, entretanto, que submetidas a alguns padrões morais universais). Esse fato, o da diversidade das práticas e orientações normativas da vida moderna, foi bem acentuado por Simmel (1991), em sua filosofia do dinheiro, quando assinala a possibilidade de trajetórias biográficas mais livres, onde as amarras da tradição e da filiação sócio-econômica não são tão fortes como antigamente, como era o caso dos estamentos da idade média europeia. Aqui, de certa forma, o homem moderno é “livre” na escolha de seu percurso no mundo, o que indica, segundo Simmel uma dialética entre pessoas fortemente ligadas a outras por conta da divisão do trabalho, ao lado de uma expressiva independência na escolha de suas trajetórias, o que faz com que os indivíduos cada vez mais se tornem únicos: *“If freedom means the development of individuality, the conviction to unfold the core of four being with all its individual desires and feelings, then this category implies nota a mere*

absence of relationships but rather a very specific relation to others (SIMMEL, 1991, p. 299). São, dessa forma, ‘livres’², constituintes de uma sociedade onde a individualidade se torna um valor a ser defendido.

Os indivíduos, livres e inscritos em campos de sociabilidade característicos de sua biografia singular, interagem uns com os outros em diversas instituições, representando papéis específicos a cada um dos campos institucionais onde atua; essa complexa trajetória cotidiana é descrita na literatura sociológica como campos reticulares, reescrevendo os diversos contatos, experiências, atividades, etc. das pessoas em uma linguagem das redes, onde pretende desvelar os padrões reticulares em cada posição institucional, ou mesmo da estrutura social de determinada sociedade. Trata-se, portanto, de características estruturantes dos processos de sociabilidade; aqui, diferentemente do campo normativo, o que importa é reconstruir o tecido reticular dos indivíduos, em um primeiro momento, para em seguida interpretá-lo à luz de características da sua inscrição na estrutura social: classe, gênero, raça são alguns marcadores estruturais importantes dentre um elenco relativamente diversificado que os cientistas sociais fazem uso em suas análises.

Mas as pessoas vivem apoiadas em um chão, movimentam-se em espaços, expressão tão cara aos geógrafos. O espaço é o resultado da ação humana sobre a natureza. A expressão ‘espaço natural’, é descabida, na medida em que, sendo espaço e não natureza há a presença humana, construindo um bioma particular, interagido com a natureza e dela extraindo ingredientes para a sua sobrevivência. Nesse sentido, tanto faz se estamos em um aldeamento indígena ou em uma grande metrópole, a presença do homem está presente, e a natureza, deixou de existir. Sociedade e espaço são indissociáveis. Esse fato é resultado de uma combinação complexa de processos civilizatórios que produzem configurações espaciais as mais diversas possíveis. Ainda não se tem certeza sobre quais os fatores influenciam decisivamente neste fenômeno (as ciências sociais, depois das grandes narrativas, aparentemente, de afasta um pouco deste tema; mas os registros de filósofos e historiadores – nesse sentido, trata-se da literatura clássica a partir de Tönnies, Hegel, Marx, Spengler, Elias, Toynbee, Huntington (1993) – mostram-nos a complexidade e amplitude do fenômeno), mas é indiscutível que a riqueza do gênio humano,

² Max Weber, em seu ensaio sobre o desenvolvimento das cidades modernas, já assinalava um conhecido adágio: “*stadtluft macht frei*” (WEBER, 2007, p. 858).

manifestando-se em todas as partes do planeta e com uma diversidade impressionante, permanece mesmo com a globalização.

Fato interessante, que tendências homogeneizadoras são contrabalançadas cada vez mais por recorrentes expressões de particularidades de povos, com seus hábitos de alimentação, expressões artísticas, falas. Pesquisadores, por conta dessa aparente contradição, têm designado esse fenômeno como *globalização*, que indica a convivência, por exemplo, de uma expressão da cultura pop americana, o rap, expandir-se pelo mundo; por outro, essa mesma expressão incorpora ritmos da linguagem de cada lugar, maneirismos de expressões corporais, enfim, é ao mesmo tempo global e local.

Mas o que nos interessa aqui são os campos das microssociabilidades, localizados em áreas relativamente restritas, por onde as pessoas circulam em seus afazeres cotidianos. Mesmo com a moderna revolução dos transportes e comunicações, os espaços do cotidiano são relativamente segmentados: trabalho, lazer, moradia. As pessoas passam parte significativa de seu tempo nestes locais, que os geógrafos normalmente denominam de território, distinguindo-os do espaço. O território incorpora várias dimensões, para além de simples receptáculo de circulação das pessoas: é o lugar carregado de inscrições simbólicas, onde as pessoas, nas suas memórias do viver, estruturam suas identidades enquanto pertencentes a um lugar, compartilhando seu uso e significado com outros. O lugar das lembranças, alimentando a memória com a particularidade do espaço pertencente a sua inscrição enquanto pessoa no mundo. Se moradores de cidades compartilham as praças, as igrejas, os equipamentos de comércio e de serviços do bairro; são marcados por estes lugares pertencimentos, experiências e interações com as pessoas. Também vivenciam o lugar do trabalho, espaço mais reduzido, mas igualmente complexo de campos interativos.

Os territórios são os lugares onde a vida, repartida em diversos momentos e experiências, adquire sentido. Estabiliza o sentido da vida, na medida em que fornece às pessoas as referências de sua existência: sabem que estão no mundo porque se reconhecem nas outras pessoas, com quem convivem cotidianamente; estruturam suas memórias também apoiadas nos símbolos de sua existência, materiais (os espaços construídos do bairro, os lugares de convivência mais amplos, na cidade), simbólicos (as manifestações da música, dos festejos populares, as referências de uma cultura, profundamente enraizadas

nas estruturações identitárias de cada um). A importância deste complexo campo de fenômenos pode ser mais bem compreendida a partir de alguns exemplos:

(a) os *heimaten* dos deslocados de guerra. Em 1945, após o final da segunda guerra mundial, populações germânicas residentes no leste europeu (principalmente na Polônia), foram obrigadas a sair do país, resultando em um fluxo importante de refugiados que se dirigiam para a recém-criada Alemanha Ocidental. Essas populações viajando por centenas de quilômetros, deslocavam-se em grupos, reproduzindo as sociabilidades inscritas nos territórios de origem. Os *heimaten*³ estavam simplesmente agora na cabeça das pessoas, que deixavam para trás suas casas, os lugares de convivência. Mas traziam, juntas, as memórias, as referências e os campos interativos, na convivência desta nova trajetória⁴;

(b) os deslocados das barragens. Milhões de pessoas do mundo inteiro experimentam a saída forçada de suas terras, de suas casas. Cidades são reconstruídas em outros locais, causando traumas bastante significativos nessas populações, que ainda guardam na memória os territórios onde cresceram e experimentaram a vida durante décadas. Nobrega (2011) nos dá a dimensão do fenômeno:

desde a década de 1950, quando se intensificou a construção de barragens para fins de geração de energia elétrica, irrigação, abastecimento de água e contenção de inundações, entre 40 e 80 milhões de pessoas sofreram deslocamento compulsório ocasionado pelo uso desta tecnologia. No Brasil, o Movimento de Atingidos por Barragem (MAB) estima que estas obras de engenharia já prejudicaram um milhão de pessoas e inundaram 3,4 milhões de hectares de terras produtivas.

Os problemas ambientais são monumentais, e os estudos feitos indicam problemas importantes no clima, na fauna e flora adjacentes à bacia hidrográfica afetada pelas barragens. Denúncias de impactos

³ A melhor tradução para a língua portuguesa seja a palavra “torrão”, indicando a pátria, o lugar de origem de alguém.

⁴ Bessel (2010) traz um importante relato dos deslocados de guerra.

sobre a piscosidade dos rios, sobre destruição de cobertura vegetal, ou mesmo, com o deslocamento de populações nativas (os indígenas brasileiros, por exemplo) e os consequentes problemas com reassentamento são recorrentes.

Mas o que nos interessa diretamente aqui são os impactos sobre as pessoas, quando se deparam com o desaparecimento de seus territórios, a súbita consciência da ausência das praças, igrejas, ruas, casas, espaços simbólicos que orientam a memória, estruturam as identidades. Para o caso, por exemplo, de Sobradinho, quando foi criado um lago que inundou terras de sete municípios, deslocando uma população de cerca de 70 mil pessoas. (NOBREGA, 2011). Novos municípios, destituídos dos territórios que há muito se enraízam nas identidades e sentimentos de pertença daqueles que partilham, agora são o espaço vazio dessas pessoas, desnorteadas porque não reconhecem nas ruas, nas casas, nos espaços de conviviabilidade o seu cotidiano, âncora de suas estruturações de pertencimento, de sentir-se ligado ao mundo.

O caso da barragem de Itaparica, no rio São Francisco também é um exemplo importante. Situada na fronteira dos estados de Pernambuco e da Bahia, a construção da barragem exigiu a realocação de milhares de pessoas, em assentamentos rurais, distantes de seus territórios originais. Esses assentamentos muitas vezes produzem impactos importantes nos equilíbrios sócio-psíquicos das pessoas, adoecendo-as; o não conhecimento das novas condições de trabalho (antigos roçados, muitas vezes localizados próximos ao rio, que agora são transferidos para longe, obrigando os seus ocupantes a uma série de novos procedimentos para enfrentar as condições hídricas do semi-árido) e de moradia impactam profundamente o equilíbrio dessas pessoas, como nos mostram Scott (2006):

A intensificação do sofrimento psíquico, a ansiedade sobre o futuro, as sensações de desespero diante da perda iminente das raízes, o desconhecimento da nova moradia se juntaram e ofuscaram os outros sofrimentos.

Ainda em relação aos deslocados das barragens, vale a pena o registro das populações indígenas na Amazônia brasileira. Há o registro, em alguns casos, que as barragens não somente deslocam os

antigos ocupantes dos territórios alagados, mas que também esses territórios, local de vida ancestral, também são plenos de significado simbólico. Não somente bioma, onde natureza e sociedade moldam o espaço para a reprodução da existência, mas também ingrediente fundamental da cosmologia de seus habitantes. De lá se origina a referência de uma cultura para a inserção de seu povo no universo, em um amálgama de seus elementos constituintes - natureza, fauna, flora e os humanos que lá habitam, indissociáveis desta construção do universo, onde, principalmente em muitas civilizações indígenas das Américas homem e natureza forma uma unidade. Lá habitam as plantas, os animais, os seres humanos, e também os espíritos, aqueles que já se transfiguram em algo diverso do vivente, mas que continuam lá. Os territórios dos não viventes, em muitos casos inscritos em locais sagrados, fazem parte de um povo, assim como seu habitat, seu espaço. Quando se deslocam, seus locais sagrados são destruídos, este povo se sente ameaçado porque esta ordem imemorial deixa de existir. O trecho a seguir⁵, é bastante ilustrativo:

Grupos indígenas e minorias étnicas se encontram entre as principais vítimas das barragens. O impacto das grandes barragens sobre os povos indígenas se torna especialmente grave porque os séculos de exploração e deslocamento imposto à maioria das tribos indígenas torna os remotos vales e florestas de suas reservas o último refúgio contra a destruição cultural. Nessas comunidades, o trauma do reassentamento é ainda maior por causa de sua forte ligação espiritual com o território. Os laços espirituais e as práticas culturais, que ajudam a definir suas sociedades, são destruídos pelo deslocamento e pela perda de recursos comuns em que sua economia é baseada.

© O outro exemplo que apresento agora talvez seja ainda mais instrutivo. Refiro-me aos deslocamentos urbanos das populações de

5

<http://vampira.ourinhos.unesp.br:8080/cediap/material/impactos_sociais_e_ambientais_das_hidrelétricas.pdf>. Sobre a cosmologia dos habitantes da floresta, veja o interessante livro de Kopenawa e Albert (2015). Essa questão também pode ser observada no trabalho de Costa (1990).

baixa renda – que, compulsoriamente ou não, mudam-se para outros bairros, na maioria das vezes distantes daqueles de origem. Casos acontecem quando uma pessoa, por exemplo, compra uma casa e muda de bairro. Este território, entretanto, existe, há a vizinhança estabelecida, e este novo morador simplesmente irá se incorporar ao lugar. Há, é certo, casos onde a integração dos que chegam não é tranquila, provocando fraturas. Exemplo interessante é o estudo de Elias, com a colaboração de Scotson, sobre os Estabelecidos e os outsiders, quando descreve um bairro operário da Inglaterra, ocupado por dois grupos distintos, não integrados, apesar de compartilharem perfis socioeconômicos idênticos, e backgrounds socioculturais igualmente homogêneos. Elias nos mostra de maneira magistral a construção de uma identidade dividida entre os estabelecidos, os que residiam há mais tempo no lugar, e os outsiders, grupo mais recente e objeto de não reconhecimento dos que lá estavam. É a sociogênese, ainda na terminologia de Elias sobre a identidade do território: nós nos reconhecemos porque partilhamos uma vida, convivendo cotidianamente em espaços de reconhecimento público, interconectando nossas existências a partir desta convivibilidade. Os que chegam – e Elias nos mostra a partir dos achados de seus estudos empíricos – ameaça a existência daqueles que estão lá há mais tempo. Contra os outsiders, argumentam os estabelecidos, há o fato de que são pessoas que não têm muita educação, que promovem comportamentos inadequados, e que perturbam a paz da comunidade. Fatos relatados que não são confirmados por Elias em seus estudos. Os que chegaram há pouco não têm absolutamente nenhuma característica marcadamente diferente daqueles que residem há mais tempo; e seus comportamentos não indicam qualquer sinal de inconveniência ou de fontes de perturbação da ordem pública.

O que acontece quando todo um bairro é ocupado por todos os seus moradores ao mesmo tempo? Esse fenômeno é bastante comum nas metrópoles brasileiras, quando as políticas de habitação popular previam a construção de grandes conjuntos, seja para a ocupação de populações de moradores dos chamados “assentamentos subnormais”, que seriam destruídos, ou pela demanda espontânea daqueles trabalhadores de baixa renda que buscavam moradias financiadas com condições especiais. Para o caso dos moradores deslocados das favelas e mocambos, além do desenraizamento, também ocorrente no segundo caso a seguir descrito com mais detalhes, ainda havia outro: os locais de habitação originais, embora carente em serviços de infraestrutura urbana, era adequado às pessoas que lá residiam porque eram

próximos. Agora essas pessoas estão residindo em conjuntos habitacionais, longe de seus locais de moradia original, muitas vezes com consequências importantes nas sociabilidades anteriores, destruídas, nos deslocamentos pela cidade também impactados de forma importante. Um exemplo significativo é o trajeto local de moradia/local de trabalho, que, em casos de habitantes de aglomerados de mocambos ou favelas, significa a proximidade dos bairros de classe média, receptáculos dos serviços oferecidos pelos ocupados no chamado setor informal (empregos domésticos os mais variados, serviços de reparação e conservação como jardinagem, serviços de encanador, eletricitista, entre outros).

Há também a considerar o fenômeno das comunidades de baixa renda. Estas habitações populares, por muito tempo denominadas "assentamentos informais", os espaços de habitação para as populações pobres, é resultado de um processo completamente diverso daquele observado entre os moradores dos bairros tradicionais. O acesso à terra se dá na maior parte dos casos por invasões de terras, o processo construtivo se desenrola por um longo período de tempo, resultante das poucas economias de seus moradores e do acesso precário ao sistema financeiro. E o mais importante, a construção do território se dá lado a lado ao da resistência contra a desocupação, a luta política de uma população que resiste por conta principalmente de não ter outra opção para o acesso à moradia senão a partir da ocupação do pedaço de terra onde irá construir sua moradia. É emblemática a história de Brasília Teimosa, bairro popular da cidade do Recife, por muitas vezes alvo de tentativas de desocupação e da cobiça de incorporadores imobiliários. O sentimento de pertença ao lugar é um ingrediente importante para a construção da identidade de seus moradores, de pessoas com trajetórias de mobilidade urbana que aprenderam a resistir, a reivindicar pelo direito à moradia. Aqui o território se constrói lado a lado a ocupação deste espaço, local de moradia e também de vida de uma população que aprendeu a resistir desde cedo⁶.

Finalmente, vale fazer referência a outro fenômeno que vem tomando proporções importantes, as sociabilidades mediadas pela internet. Que dizer de pessoas que se comunicam, que namoram, que fazem negócios sem estar fundadas em um território, um pedaço de chão? Esse fenômeno é comentado nas ciências sociais há mais ou

⁶ Ver sobre o assunto Fontes (1986).

menos 30 anos, com o advento e popularização da internet. Estudos com nomes sugestivos – desterritorialização, reterritorialização, sociedades da aceleração, globalização, entre outros – são produzidos para tentar explicar o impacto da rede mundial de computadores sobre a organização da sociedade. Em um primeiro momento o foco se centra para as mudanças de conteúdo mais global, como por exemplo, os fluxos financeiros, ou a emergência de movimentos de cultura global, como a música pop. Depois percebe-se que o impacto sobre o cotidiano das pessoas é igualmente significativo: o *e-commerce* toma dimensões importantes⁷; as pessoas realizam transações bancárias, o *home office* se torna uma opção importante, inclusive incentivada por algumas empresas. Embora o uso da internet não seja homogêneo, existindo diversidade geracional, de gênero e de classe, a exclusão digital se torna cada vez menos importante, resultando em um fenômeno de natureza quase universal, ultrapassando inclusive as fronteiras do rural/urbano. De fato, o mundo urbano, o das luzes, antes visto enquanto fonte de novidades, agora chega ao campo. Uma pessoa com seu computador conecta todo o mundo e se inteira das novidades, faz amigos, enfim, vive plenamente a modernidade:

.... é consenso que a internet modificou significativamente a vida de todos, ampliando o acesso a informações facilitando as comunicações e, desta forma, realimentando os laços sociais com aqueles que estão distantes; também favorece a formação de novas relações, especialmente aquelas ancoradas em valores e interesses compartilhados. De um modo geral, podemos afirmar que, com o acesso ao ciberespaço cada vez mais generalizado, as facilidades para os processos comunicativos e de acesso à informação têm sido cada vez mais aumentados. (FONTES, 2014, p. 112).

⁷ Da mesma forma que as megalivrarias se tornaram hegemônicas no mercado editorial, agora aquelas que comercializam seus livros via internet veem seus negócios se orientarem cada vez mais para esta prática, colocando em risco as antes dominantes espaço de negócios do livro. Ver, por exemplo, algumas notícias publicadas na imprensa brasileira: Livrarias sentem crise e efeito Amazon, Estado de São Paulo, 05/03/2017; grandes livrarias perdem para a Amazon e contabilizam prejuízo, Gazeta do Povo, 06/03/2017; Livraria Cultura passa do lucro a prejuízo de 2,8 milhões em 2012, Valor econômico, 20/06/2013.

Para o nosso caso, a análise da relação entre sociabilidades e território, é importante fazer referência ao uso das chamadas “redes sociais”, aplicativos que permitem a interação entre pessoas de forma ampla (criando, por exemplo, fórum de discussões, ou grupos de amigos que compartilham mensagens, fotos, vídeos, etc...). se antes as correspondências ou posteriormente o telefone possibilitavam a comunicação a distância, agora a velocidade e o custo são inigualáveis. Com efeito, qualquer pessoa com um aparelho celular e uma conta pré-paga tem acesso à internet, podendo, portanto, usufruir dos espaços de comunicação que lá são oferecidos. Criam-se, dessa forma, espaços de sociabilidade não ancorados territorialmente. O fenômeno das redes sociais mediadas pela internet é muito recente, e sua dimensão não é totalmente conhecida. Alguns poucos estudos, entretanto, já mostram o impacto sobre as sociabilidades, o cotidiano e os modos de vida ancorados nesta plataforma de comunicação, que incorporam desde os assuntos mundanos do dia a dia até os campos de debates sobre política, cultura, religião. A *espetacularização* da vida, expressão cunhada há tempos por Debord (2006), é um retrato vivo dos modernos: tudo é objeto de publicização, através de mensagens, vídeos, imagens; tudo é misturado, o mundo privado, o espaço público, as misérias e as fortunas do mundo. Nesse construir o cotidiano, as pessoas, a partir de seus *tablets* e *smartphones*, no trabalho, no ônibus, na praia, ensimesmam-se em seus espaços, contemplando o mundo a partir do *écran* de suas máquinas. Vivem em sociedade, mas desgarradas do chão, desterritorializadas.

Percebemos, dessa forma, o lugar do conceito de território para a sociologia, mesmo referindo-se a seu contrário – sociabilidades esvaziadas de território, ou espaços não referentes a sociabilidades, como por exemplo, o não lugar (AUGÉ, 2005) – organiza campos de referência para as interações humanas. Falar sociologicamente de território, diferentemente do geógrafo, é remeter diretamente as práticas interativas a uma ancoragem simbólica, personificada por espaços públicos, edificações, paisagens – lugares de vivificação do cotidiano; mas também, espelhando estes campos simbólicos “reais”, a partir da mediação cibernética, espaços comunicativos virtuais, reconstruindo as experiências do viver, ou mesmo construindo simulacros.

Bibliografia

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus, 2005.
- BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: da guerra à paz*. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- DEBORD, Guy. *La société Du Spetacle*. Paris: Les Éditions Gallimard, 2006. p. 764-874. (Collection Quarto)
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v. 1 e v. 2.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.
- COSTA, Ana Luiza B. Martins. Barragem de Sobradinho: o desencontro cultural entre camponeses e técnicos do Estado. In: *Hidrelétricas, ecologia e progresso: contribuições para um debate*. Rio de Janeiro: Cedi, 1990. p. 55-57.
- FONTES, Breno Augusto Souto-Maior. *Políticas de Planejamento Urbano e Segregação Espacial: o município do Recife na década de 1970-80*. 1986. (Dissertação de Mestrado). PIMES-UFPe, Recife.
- FONTES, Breno Augusto Souto-Maior. Políticas Públicas e exclusão social. Ou como as cidades constróem suas periferias. In: *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, v. 02, 2013, p. 148-163.
- FONTES, Breno Augusto Souto-Maior. Tecendo Redes, Suportando o Sofrimento: sobre os círculos sociais da loucura. *Sociologias (UFRGS. Impreso)*, v. 16, 2014. p. 112-143.
- HUNTIGNON, Samuel P. [*The Clash of Civilizations?*](#) *Foreign Affairs*, v. 72, n. 3, vol. 72, Summer, 1993, p. 22-49.
- NOBREGA, Renata da Silva. Os atingidos por barragem: refugiados de um guerra desconhecida. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XIX, n. 36, p. 125-143, jan./jun. 2011.
- SIMMEL, Georg. *The philosophy of Money*. London: Routledge, 1991.
- SPENGLER, Oswald. *Decline of the West: Perspectives of World History*. New York: Oxford University Press, 1991.

SCOTT, Parry. Re-assentamento, Saúde e Insegurança em Itaparica: um modelo de vulnerabilidade em projetos de desenvolvimento. *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 3, p. 74-89, set./dez. 2006.

VALLADARES, Licia do Prado. *Passa-se uma casa*. Análise do programa de remoção de favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. v. 1.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Ebner & Spiegel. Ulm: Hauptwerke der grossen Denker, 2007.